

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (ABRIL DE 2014)

Com base na **amostra representativa da IACA** (temos novamente 20 empresas, o que significa que o peso da amostra é de cerca de 78% da produção associada, tendo sido ajustados todos os dados, inclusivamente desde 2012), constata-se que **em abril de 2014** a produção se situou em 183 406 toneladas contra as 191 697 tons produzidas em abril de 2013, o que representa uma quebra de 4.3% relativamente ao período homólogo do ano passado, mantendo-se a tendência global de quebra que tem caracterizado o mercado nacional nos últimos 6 anos com a diferença de que, este ano, está a ser o setor avícola (e os “outros animais”), pelo seu peso na estrutura de produção, o principal responsável pela redução da oferta de alimentos compostos para animais, decorrente de uma natural diminuição da procura.

Com menos um dia de fabrico (20 dias em abril de 2014, contra os 21 dias de 2013), a produção registou quebras de 7.4% nos alimentos para aves e de 16.7% nos “outros animais”, insuficiente para travar a relativa estabilidade nos alimentos para suínos e a alta, de 2.5% nos alimentos para bovinos. Se extrapolarmos estes dados e harmonizarmos os dias de fabrico, temos uma produção média diária em abril deste ano de cerca de 9 170 tons e no mês homólogo do ano passado, de 9 128 tons, ou seja, **a produção de alimentos compostos em abril terá registado, em termos reais, uma tendência de relativa estabilidade.** De qualquer forma, tivemos em abril, comparativamente a março e à semelhança do ano anterior, um aumento de 2.2%. Tal significa que estamos perante uma inversão da tendência dos últimos anos? Em nossa opinião, estamos longe de uma consolidação do mercado, as perspetivas para a evolução da pecuária nacional (e na União Europeia) ainda são pessimistas, temos muitas restrições ao nível da segurança alimentar, ambiente e bem-estar animal, muitos condicionantes em matéria de exportação e de licenciamentos ao nível das explorações pecuárias, falta ainda confiança e investimento, apesar das melhorias no clima e sentimento económico em geral, a começar pela evolução positiva dos principais indicadores económicos, da revisão em alta e do “olhar” mais positivo dos nossos credores depois da saída da Troika. No entanto, é certo que a austeridade é para continuar, algumas medidas previstas para o Orçamento de 2014 acabam de ser postas em causa pelo Tribunal Constitucional, receia-se uma nova instabilidade política e agudização das tensões sociais – aspeto fundamental para as negociações da legislação laboral, designadamente os nossos Contratos Coletivos de Trabalho – e reina maior incerteza na Europa depois das eleições do Parlamento Europeu, com um número importante de eurodeputados eurocéticos e antissistema.

É neste contexto, de uma conjuntura económica ainda muito difícil, com uma elevada dívida pública (132.4% do PIB no final do primeiro trimestre, acima dos 129% registados no final de 2013, de acordo com o Banco de Portugal), com o ajustamento a ter de continuar e inevitáveis reformas estruturais, sobretudo ao nível da reforma do Estado, que a Indústria tem de exercer a sua atividade. Apesar do Setor agrícola estar “na moda” e a Sociedade olhar para a atividade agropecuária e agroalimentar com uma importância e peso político que nunca teve no passado, as políticas públicas ainda não se fizeram sentir de uma forma estrutural no Setor, esperando-se que o discurso político se consubstancie no anúncio, esperado para o próximo dia 9 de junho, na Feira da Agricultura, das opções nacionais no quadro da Reforma da PAC e ‘Quadro Comunitário de Apoio para o período 2014/2020. As entrevistas dos Secretários de Estado (Agricultura e Alimentação) à edição de janeiro/fevereiro/março da Revista

“Alimentação Animal” são indicadores claramente positivos e vão no bom sentido, legitimando as exigências que temos colocado ao poder político nos últimos anos e designadamente em relação a este Governo.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Abril 2013	Abril 2014	Varição (%)
AVES	93 664	86 645	-7.5
BOVINOS	39 808	40 809	2.5
SUINOS	45 080	45 003	-0.2
OUTROS	13 145	10 949	-16.7
TOTAL	191 697	183 406	-4.3

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2012	2013	2014	VAR%2014/13
JANEIRO	205 424	189 328	188 884	-0.2
FEVEREIRO	197 894	172 053	168 216	-2.2
MARÇO	211 698	183 095	179 531	-2.0
ABRIL	195 560	191 697	183 406	-4.3
MAIO	206 978	198 611		
JUNHO	190 426	175 204		
JULHO	209 029	193 298		
AGOSTO	206 848	192 228		
SETEMBRO	173 583	183 177		
OUTUBRO	205 858	202 477		
NOVEMBRO	197 436	190 829		
DEZEMBRO	187 685	191 824		
TOTAL	2 388 419	2 263 821	720 037	-2.2

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

	Toneladas		
	JAN-ABR 2013	JAN-ABR 2014	VAR %
AVES	355 440	330 621	-7.0
BOVINOS	153 433	163 552	6.6
SUINOS	174 882	179 380	2.6
OUTROS	52 418	46 484	-11.3
TOTAL	736 173	720 037	-2.2

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2013	2014	2013	2014	2013	2014	2013	2014
JANEIRO	87	83	41	45	48	49	14	13
FEVEREIRO	84	76	36	38	41	42	12	11
MARÇO	91	85	37	40	42	44	13	11
ABRIL	94	87	40	41	45	45	13	11
MAIO	97		42		46		13	
JUNHO	87		37		40		10	
JULHO	96		42		44		11	
AGOSTO	95		41		44		11	
SETEMBRO	88		41		44		10	
OUTUBRO	95		45		52		10	
NOVEMBRO	90		41		50		10	
DEZEMBRO	87		43		49		13	
TOTAL	1092	331	486	164	544	180	141	46

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos. Para 2012 e 2013, os dados da amostra foram reformulados, tendo em conta a entrada de uma empresa na amostra

Num quadro ainda de acentuada preocupação e de enormes incertezas quanto ao futuro, foram 6 (6 no mês de março) as empresas que registaram níveis de produção mais elevados que no ano anterior, representando 31.7% do total da amostra (27.4% em 2013), assistindo-se a uma relativa concentração da atividade.

Entretanto, ao nível da produção acumulada, com os dados de abril, passámos de -1.4% para uma quebra de -2.2% nestes primeiros quatro meses de 2014, consequência da redução de 7.0% nos alimentos para aves e de uma contração de 11.3% nos alimentos para “outros animais”, insuficientes para compensar as subidas de 6.6% nos alimentos para bovinos e de 2.6% nos suínos. Em contraciclo com o ano anterior, mas é esta a tendência deste primeiro trimestre de 2014, apesar da continuada liderança do mercado da produção de alimentos para aves (45.9% da produção da amostra, contra 48.2% em igual período de 2013).

Por outro lado, no que respeita ao chamado “*mercado livre*”, registou-se, em abril, depois de uma grande capacidade de resistência nos meses anteriores, uma redução de cerca de 6.0% contra a já referida quebra de -4.3% do mercado global, demonstrando que este segmento continua bem posicionado, apesar de todas as dificuldades e da tendência para a verticalização, não só em Portugal mas a nível europeu e mundial. Em termos acumulados, o mercado livre apresenta, no período de janeiro a abril, uma diminuição de 1.3% (menos cerca de 3 600 tons produzidas) que compara com a quebra de 2.2% do total do mercado. Dentro da nossa amostra estatística, este segmento representou, no período de janeiro a abril, 39.3% da produção, contra os 38.9% de 2013, ainda assim, um incremento de 0.4%.

Relativamente aos **mercados pecuários**, na **avicultura**, os preços do frango apresentam cotações entre 0.95 e 1.00 €/kg de peso vivo (as mesmas do mês anterior, em média), com tendência de manutenção. Os ovos, denotam atualmente uma estabilidade, com as cotações a variarem entre 0.70 e 0.80 €. No peru, a tendência é semelhante, situando-se as cotações em 2.25 €/kg carcaça.

Nos **bovinos**, na Bolsa de 29 de maio, assistimos a uma descida de 0.05 €/kg carcaça em todas as categorias e classificações, com os novilhos a registarem cotações de 4.05 €, as vitelas 4.25 € e as vacas para abate 2.40 €/kg carcaça. O mercado é caracterizado por uma relativamente escassa disponibilidade interna de animais para abate, com a entrada de carne da União Europeia a condicionar as cotações. Constata-se igualmente, nas últimas semanas, uma tendência para uma subida dos abates, notando-se uma ligeira subida no peso de abate. No entanto, alguns novilhos denotam um peso de abate mais reduzido que em igual período do ano passado, o que não deixa de estar ligado à pressão para vender os animais, no sentido de fazer face aos custos da exploração pecuária.

Nos **suínos**, com uma subida de 0.020 €/kg carcaça na Sessão da Bolsa do Porco de 29 de maio, a conjuntura continua a ser dominada pelo embargo da Rússia à carne proveniente da União Europeia, tendo falhado, até agora, todas as negociações com a Comissão, com esta a apresentar uma queixa junto da OMC. Não deixa de ser caricato que as autoridades sanitárias russas reafirmem que a culpa é das Instituições de Bruxelas – a Comissão Europeia, sem o conseguir e ultrapassada pelos Estados-membros, pretende liderar o processo – uma vez que existem países como a Itália, Bélgica, Alemanha ou Holanda que cumprem os requisitos sanitários impostos pelas autoridades. Numa altura em que se aproxima a época de verão e a Rússia necessita de aumentar as importações no mercado mundial, pelo aumento do consumo, seria bom que a Europa desse provas da sua coerência e União, até porque e infelizmente, em nossa opinião, tem sido o problema da doença hemorrágica dos suínos (PED), sobretudo nos EUA, com a consequente redução da oferta mundial, que, entre outros fatores, tem evitado a degradação dos preços no mercado mundial. Um consumo que se prevê continue a apresentar uma tendência altista. No entanto, estamos particularmente preocupados com a doença nos suínos uma vez que, para além da redução dos efetivos e das consequências económicas, pode colocar em causa, em termos de perceção da opinião pública e dos políticos, a eventual reabertura do consumo de farinhas de carne na alimentação animal. Para já, o que pode estar em causa será a utilização de plasma mas são grandes as indefinições e as certezas em torno deste problema que tem merecimento um seguimento atento, em Bruxelas, da parte da FEFAC.

Ao nível das matérias-primas, na reunião de 28 de maio, em Fátima, no quadro das III Jornadas de Alimentação Animal, foi dada uma perspetiva favorável dos mercados dos cereais e oleaginosas, sobretudo no milho e na soja, com ofertas e stocks superiores aos registados nos últimos anos. No entanto, todos sabemos que os mercados têm outros elementos, especulativos, como “fundamentais” e a logística das operações, sobretudo no Brasil, é muito complexa e não favorece a disponibilidade das matérias-primas em tempo útil nos locais de consumo. Portugal, pelas características do nosso mercado, é fortemente penalizado mas as perspetivas são relativamente otimistas.

Sem grande margem de manobra a jusante, tudo depende pois da competitividade dos preços das principais matérias-primas, pelo que é ainda mais importante a Qualidade e uma verdadeira relação de parceria entre a Indústria e os seus Fornecedores.

